

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1068
 GUIMARÃES, 6 de Julho de 1952
 Redacção e Imp., R. da Rainha, 56-B Tel., 4919
 Comp. e Imp., *Tip. Ideal* Tel., 4581
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

A VISITA DE UM ARCEBISPO AO MOSTEIRO DE S. TORQUATO

NO ANO DE 1804

D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga, registou em suas memórias: — *Achei que o Senhor Rei D. Manuel já tinha mandado trasladar aquele Santo Corpo à Colegiada; que o Il.º D. Fr. Agostinho de Castro tivera o mesmo intento; e, depois dele, o quisera fazer o Arcebispo D. Sabastião de Matos e Noronha.....*

Quer dizer: Dois Arcebispos, animados e autorizados por uma Portaria Régia tentaram fazer trasladar para a Igreja Colegiada a sagrada múmia do S. Torquato. E não o conseguiram. Porquê?

Di-lo a memória de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires quanto à última das tentativas:

«Não se efectuara pelo tumulto dos povos vizinhos!» Foi no dia 30 de Junho de 1804 que o Arcebispo D. Fr. Caetano Brandão chegou ao mosteiro velho de S. Torquato, de liteira, «precedido da sua cruz, seguido do povo imenso, por entre aclamações, lançando sobre ele flores». Já ali o aguardavam as autoridades de Guimarães, «com suas famílias, todos vestidos à Côte, um contingente de tropas auxiliares, muitos cavalheiros e fidalgos, os eclesiásticos, e o Cabido da Colegiada».

Tomando lugar em um trono com docel, ali recebeu os cumprimentos, dando a beijar o anel prelatício à multidão dos fiéis.

Seguiu depois, preciosamente, até ao lugar onde em sarcófago de pedra se encerrava o Corpo do Santo. *«Al examinou o santo cadáver, que estava inteiro, com as carnes ilesas, e o examinaram também os Professores...»*

Estes «Professores» eram os físicos, ou como hoje se diz, os médicos.

Caso é que desta visita se lavrou um auto, e que este fora depois assinado não só pelo Arcebispo, mas por todos os presentes: Cabido da Colegiada, «Prelados das Religiões», Vereadores, Juizes, «nobres e fidalgos». Retirado o «Santo Corpo» do seu sarcófago de pedra, foi depois conduzido debaixo do pátio, «e o seguiu o Prelado, pontificalmente, até se colocar no lugar que lhe destinara, enquanto se não preparava o próprio altar».

Este acto solene teve missa cantada, sermão, e exposição do Santíssimo.

Finalizado o acto da transladação do «Santo Corpo» para o novo templo, teve lugar o jantar, que se realizou no casal da Formiga, ao qual assistiram «mais de duzentas pessoas graves de mesa», como diz o auto da notícia.

A tarde prosseguiu a solenidade, que foi arrematada por um solene *Te-Deum*.

Acabada a função, o Arcebispo «acompanhado dos Reverendos Cónegos, que o seguiram em suas liteiras ou seges, foi pernoitar ao mosteiro da Costa, passando ao anoitecer pela Vila, que com repiques de sinos e grande júbilo o respeitou e aclamou».

Tudo muito bem. Só o povo santorcatense, descontentado, se pôs de atalaia. Sabendo, pelos seus antepassados, que já por mais de uma vez os Cónegos haviam tentado levantar o «Corpo Santo» para o depositarem na Igreja da Colegiada, resolveram opor-se ao esbulho. Era a tradição da resistência.

Do procedimento que teve o povo narra o auto de notícia que estou seguindo:

«O zelo indiscreto dos povos de S. Torquato reparando na magnificência do acto, que jamais tinham visto naquelas terras, persuadiram-se que o Cabido, com o Arcebispo, se destinavam a roubar-lhes o sagrado Corpo, e em a noite de 3 de Julho, entraram na igreja em tumulto, rasgaram o edital do Prelado... e pegando do Santo Cadáver o tornaram a meter na antiga capela, contra ordem do Prelado, que o deixava manifesto aos povos por oito dias.»

Exposto o «Corpo Santo» durante oito dias, findos eles, a múmia seria — no dizer do auto — colocada no seu lugar definitivo, «enquanto se não preparava o próprio altar».

Ora, como no caso entravam os Cónegos da Insigne e Real Colegiada, que tanto se esforçavam por dar execução à Provisão Régia que os autorizava a passar à Igreja da Oliveira a *rendosa reliquia*, não aceitaram os povos de S. Torquato, e seus vizinhos, a explicação do Arcebispo feita por edital; e, daí, os sucessos tumultuosos, ocorridos três dias depois da sua visita.

A este procedimento seguiu-se a acção da autoridade: prisões em barda, e um processo contra os amotinados!

Fica para o próximo número o que resta da narrativa histórica.

A. L. DE CARVALHO.

DAQUI NÃO SAIO... BAIRRISMO

Segundo diz o dicionário da nossa língua, baírrista é aquele que defende os interesses da sua terra ou bairro. Esta qualidade, ou digamos mesmo este sentimento, pode manifestar-se e exercer-se por diversos modos e processos. Tudo o que seja contribuir para o progresso da terra e bem estar da nossa gente é puro baírrismo.

Vamos ver, agora, como se pode fazer baírrismo na nossa Terra.

Todos o podemos realizar, seja qual for a posição social que ocupemos. Podem evidentemente realizá-lo, em maior escala, aqueles que exercem a autoridade e que, por estarem em contacto com as entidades superiores, mais facilmente podem conseguir benefícios para a Terra. Mas há também o auxílio mútuo, que entre nós podemos efectivar, porque, sendo um princípio social humano, é, sobretudo, um dever cristão.

Cumpra este dever o vimaranense que, tendo qualidades para dirigir e administrar uma empresa, a desenvolve e a faz progredir, dando trabalho, que é o mesmo que dizer: dar pão a muitas famílias.

Cumpra-o também o operário, que é zeloso e perfeito no seu trabalho, contribuindo, assim, para que os produtos se imponham nos mercados e sejam, por isso, preferidos, do que resultará uma laboração normal e constante.

E, se assim deve ser com os agentes da produção, o mesmo deverá ser nas relações a manter, entre o comércio local e o consumidor. Sobre este ponto, desejo dizer algumas palavras, porque suponho tratar-se duma modalidade importante, na maneira de fazer baírrismo.

Há muitas pessoas e famílias, tanto da cidade como da aldeia, que, a maior parte das vezes, sem motivo justificado, vão fazer as suas compras fora da terra. Não está bem assim. Bem sabemos que ninguém pode contestar-nos o direito de irmos comprar onde muito bem quisermos, mas sejamos baírristas, ajudemos os nossos conterrâneos e façamos com que o nosso dinheiro vá beneficiar os trabalhadores vimaranenses. Mostremos assim o nosso amor à Terra Natal.

Sim, porque a nossa Terra não é constituída, somente, pelas montanhas e pelos vales, mas, acima de tudo, pelas pessoas que habitam nela. E' sempre com os vizinhos que nos encontramos e é sempre com eles que podemos contar, em horas de aflição e de perigo. Devemos, pois, ajudar o comércio da nossa Terra, fazendo todas as nossas compras aqui, porque, do desen-

volvimento do comércio e da indústria, depende o bem estar de muita da nossa gente.

E' evidente que eu parto do princípio de que o comércio local está apto a servir bem os clientes, nas melhores condições de qualidade e preço, como em qualquer outra parte. Neste sentido, repito, entendo que o dinheiro dos vimaranenses deve auxiliar o trabalho dos vimaranenses. E' assim que se faz baírrismo.

Há dias, observei uma conversa entre indivíduos que discutiam sobre trabalhos tipográficos. Alegava-se que, em Guimarães, havia já oficinas de tipografia capazes de satisfazerem os mais exigentes. Pois, apesar disto e de haver, no nosso meio, muitos trabalhos gráficos a fazer, uma grande parte destes trabalhos vai para as oficinas de Famalicao, Braga, Porto, etc. Consta, até, que, no último Congresso aqui realizado, a

O Congresso Nacional dos Bombeiros realiza-se este ano em Guimarães

Na primeira semana de Setembro próximo, vai realizar-se nesta cidade, com a participação de todas as corporações do País, o Congresso Nacional dos Bombeiros, em que devem juntar-se para cima de 1.000 soldados da paz.

Vai ser uma parada grandiosa, durante a qual serão estudados diversos problemas da mais alta importância relacionados com a nobilíssima missão dos bombeiros

maior parte dos impressos foi feita fora de Guimarães.

Meus queridos conterrâneos, precisamos de fazer o propósito firme de, oravante, darmos a preferência aos produtos e aos trabalhos da nossa terra. Será este passo um dos mais simpáticos meios de manifestarmos o nosso baírrismo e o nosso amor pelo progresso e pela prosperidade de Guimarães.

E contribuiremos assim para a mais linda, a mais verdadeira união fraterna de todos os vimaranenses.

JOAQUIM DO VALE.

e de que muito virão a beneficiar as organizações dos B. Voluntários. O programa decorrerá de 3 a 7 de Setembro, havendo uma sessão inaugural e diversas sessões de estudo, independentemente de outros actos.

Esse programa foi estudado em conjunto pela direcção e comando dos B. V. de Guimarães, numa reunião a que também assistiram os comandantes das Corporações de Vizela e Taipas, e foi agora submetido à aprovação da Liga, pelo que será oportunamente publicado na íntegra.

Sabemos, assim, que vão bastante adiantados os trabalhos da Liga dos Bombeiros Portugueses, em colaboração com a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, quanto à realização daquele próximo Congresso Nacional.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Transporte. . .	1.954\$50
Um anónimo para uma família que indicou e à qual fizemos entrega da importância respectiva	200\$00
A Transportar . .	2.154\$50

Está a decorrer

a Romaria de S. Torcato e a Comemoração do Centenário da Trasladação do Santo

Começaram ontem e já com a afluência de muitos forasteiros as comemorações do 1.º Centenário da Trasladação de S. Torcato e a Romaria Grande, que hoje terminará com o tradicional e brilhante arraial em que colaboram iluminadores, pirotécnicos, filarmónicas e o povo que ao mesmo empresta sempre a sua alegria inconfundível.



Moosteiro de S. Torcato

As solenidades religiosas, que já ontem tiveram seu início com a assistência do Venerando Primaz das Espanhas, Rev.º Senhor D. António Bento Martins Júnior, atingirão este ano imponente extraordinária e ficarão como que a assinalar pelos anos fora o grande acontecimento deste centenário das glórias de um Santo.

A recepção que o povo de S. Torcato prestou ontem ao Senhor Arcebispo, em honra de quem se efectuará, hoje, um banquete na Casa do Povo, foi deveras carinhosa e deve ter sensibilizado o Prelado. O *Te-Deum* a que Sua Ex.ª Rev.ª presidiu e a Procissão aos lugares Santos, foram dois números de raro esplendor litúrgico.

Do programa de hoje constam, como números de principal relevo, o Solene Pontifical, a majestosa Procissão e o deslumbrante arraial.

Os espaçosos largos e arruados da povoação, apresentam, com suas lindíssimas decorações, um aspecto festivo de rara grandeza.

O Senhor Governador Civil é hoje esperado em S. Torcato, estando-lhe preparada também uma recepção oficial.

* * *

Ontem, após a recepção feita ao Prelado da Diocese, efectuou-se, na sacristia do Santuário, uma breve mas brilhante sessão de boas vindas, em que usou da palavra, além do Capelão, o sr. Artur Martins da Silva, que, em nome da Mesa, saudou o Senhor D. António Bento Martins Júnior e lhe prestou as homenagens a que tinha jus. Seguidamente e em ambiente da mais viva simpatia e entusiasmo, procedeu-se, na galeria dos benfeitores, ao descerramento do retrato daquele Prelado, que depois agradeceu aquela manifestação e carinhosa prova de muito e merecido apreço.

rando Antístite, além do Presidente da C. E. do Congresso, os srs. P.º José Carlos Simões de Almeida, ilustre Director do Internato Municipal, e Manuel de Freitas Guimarães, Presidente da Junta de freguesia de S. Sebastião.

O Senhor Bispo da Guarda agradeceu, visivelmente emocionado, aquela prova de simpatia dos seus conterrâneos e evocou, em expressivas palavras, a sua querida terra natal.

AINDA O CONGRESSO EUCARÍSTICO

Membros da Comissão Executiva do Congresso Eucarístico e outras individualidades, foram, no passado dia 30, à cidade da Guarda, para agradecer ao nosso ilustre conterrâneo Rev.º Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, Bispo daquela

Diocese, a valiosíssima colaboração que prestou para a realização daquela manifestação religiosa. Foram umas vinte pessoas que, em representação dos católicos vimaranenses, estiveram no Paço Episcopal, tendo saudado o vene-

MERCADOS E MEDALHAS

Finanças e Economia

E' do Código Administrativo e das mais antigas tradições o dever das câmaras de não só colaborarem com as autoridades sanitárias em tudo que sobre salubridade pública lhes seja solicitado como o de providenciarem sobre a policia dos mercados de modo que estes se não transformem em centros de espoliação do consumidor e focos de infecção pública.

Os mercados de Guimarães encontram-se completamente ao abandono.

Comecemos pelo do leite. Não é preciso perder tempo e espaço com a exposição da enorme importância deste essencial elemento da alimentação pública. Antigamente sempre se fazia, melhor ou pior, a sua fiscalização. Um dia, vai para 3 ou 4 anos, a Câmara mandou demolir o barraco onde se procedia a esse serviço e arrumar os aparelhos e utensílios numa dependência qualquer do matadouro; e nunca mais o leite foi fiscalizado. O resultado é o que de toda a gente, com excepção, queremos crê-lo, dos srs. vereadores, é conhecido; o leite à venda, na sua generalidade, é uma verdadeira mixórdia, que, com certeza, há-de ter prejudicado enormemente a saúde dos consumidores, entre os quais, como se sabe, predominam as crianças, os doentes e os velhos.

Não ignoramos que o exame a que o leite desde há várias dezenas de anos era submetido deixava muito a desejar quanto a precisão; limitava-se a uma verificação de densidade, que a leiteira mixordeira facilmente podia iludir, adulterando o leite ainda mais com qualquer droga adequada; mas nem todas o sabiam fazer e muitas eram apanhadas.

Devia a Câmara, por isso mesmo, melhorar as condições das análises com aparelhos e pessoal que nunca seriam caros, tratando-se de assunto de tanto interesse para a saúde dos municípios; em vez disso, acabou com a recolha de amostras que diariamente se fazia, mandou os utensílios para o depósito de sucata do matadouro e deixou os mixordeiros em plena liberdade!

Não está bem. Não é próprio do grau de civilização atingido por uma população, que vai celebrar com altas locubrações do seu escol intelectual o centenário da cidadania que lhe foi concedida, tal desprezo pelos mais elementares cuidados que deve haver com a saúde e a higiene do público.

Passando-se à chamada praça do mercado, então o mal ainda é maior; aí não é apenas a saúde dos consumidores que periga, porque no antro alaparda-se, com o maior dos descaras e a mais completa e absoluta das impunidades, a especulação nos preços nas medidas.

As regateiras tratam do seu modo de vida inteiramente à vontade; ou elas não soubessem como, convenientemente lubrificadas certas engrenagens, se evitam quaisquer atritos que prejudiquem a sua acção. Não se limitam a comprar a qualquer hora no mercado; vão esperar aos caminhos as lavadeiras, impedindo assim a venda directa ao consumidor.

Este é sempre roubado nas pesagens; as balanças de cordas, deitando-se-lhes acima o gancho de que pendem as do prato da mercadoria, dão logo uma diferença contra o comprador de 25 %. E até nas boas balanças dos talhos a agulha, antes da pesagem, não coincide, por vezes, com o zero, devido a diversos arti-

fícios em que o povo, por inexperto, não repara.

Há umas tabelas de preços afixadas pelas paredes; é simples pintura; ornamentam quando bem encaixilhadas; o encarregado do talho declara, francamente, que não vende pela tabela; se nesta está marcado o preço de 24 escudos, exige 30 ou 32; e se o freguês reponha, não é servido ou acaba por ser ludibriado na qualidade.

E por que tudo isto é possível? Porque não existe fiscalização.

O peixe por vezes tresanda; a inspecção diária, a que antigamente era submetido, há muito tempo que deixou de se fazer; a fruta ou é verde ou podre e o que muitas vezes vale é a regateira amiga que nos vende qualquer coisa em melhor estado mas pelo preço que lhe apetece.

Havia dantes um serviço de fiscalização nas estradas à hora da chegada dos géneros ao mercado para evitar os abusos das regateiras; a Câmara, — dizemos a Câmara porque esta é responsável pelos actos de todos os seus funcionários, mesmo que se trate do seu chefe de secretaria que, aliás, nenhuma competência tem para intervir nestes assuntos — impediu a sua continuação e há mais de um ano que não entra na Câmara uma só multa de regateiras.

Há umas duas dezenas de fiscais do antigo serviço dos impostos, que ficaram sem atribuições quando este acabou, e mais ainda 4 zeladores e até 3 aferidores para fazerem o mesmo serviço que anteriormente era feito só por um. Não se sabe que sumiço é dado a todo este pessoal, pois os mercados, que outrora eram fiscalizados, agora não o são.

O que faz ou o que pensa a Câmara a respeito de mercados? Por que não se mandam recolher às dependências que lhes foram destinadas as regateiras, que continuam senhoras do espaço que devia ser reservado apenas para os feirantes, com a agravante de ter a Câmara de lhes guardar as batatas que deixam ao relento durante a noite? Por que não há um chefe do pessoal de fiscalização a quem incumba a distribuição dos serviços? Por que todo este desprezo e abandono num assunto de tamanho interesse, que sempre e desde remotas eras mereceu cuidados a todas as vereações que antecederam a actual?

Antigamente a Câmara mantinha no mercado um serviço de repeso; era da maior utilidade e convém absolutamente restabelecê-lo; as criadas e mesmo as donas de casa seriam obrigadas, sempre que parecesse oportuno aos fiscais, a deixar repesar os géneros que tivessem comprado e a declarar quanto por eles tivessem pago. O resto seria com a Intendência e ninguém duvidará de que, mesmo que houvesse juizes para absolver os delinquentes, o preço da defesa seria bastante para lhes servir de correctivo.

Tudo isso acabou; o público está, inteiramente e sem protecção alguma, à mercê dos especuladores.

Estes pequenos assuntos não têm merecido a atenção da Câmara e, todavia, eles são muito mais interessantes e de muito maior relevo do que a atribuição de medalhas ao primeiro que, por qualquer meio, consiga a simpatia de algum dos vereadores de prestígio suficiente para se impor aos restantes.

As medalhas não valem pelo seu peso de ouro reluzente; as

Vem de longe o amontoado de leis que regulam a produção dos cereais, a moagem e a panificação. Por acaso temos na nossa livraria a compilação dos diplomas oficiais publicados pelos sucessivos Governos, desde 8 de Maio de 1888 até 30 de Junho de 1914, sobre cereais. Formam três volumes compreendendo períodos sensivelmente iguais: 8 de Maio de 1888 a 25 de Novembro de 1896; 26 de Novembro de 1896 a 31 de Dezembro de 1904; 1 de Janeiro de 1905 a 30 de Junho de 1914. O primeiro volume tem 140 páginas; o segundo, 372; e o terceiro, 884!

A verdade, porém, é que em 1914 ainda se fabricava em Portugal excelente pão de todas as qualidades e de todos os preços. E' ainda com saudade que recordo o pão que comi em Braga, na muito querida cidade de Braga, quando lá fiz instrução primária e todo o curso dos liceus, desde Janeiro de 1899 até Julho de 1907. Que infinita variedade de pães lá se fabricavam então, desde a borra simples, feita de milho e centeio, mas excelente, até às lançadeiras do Hotel Central que eram um autêntico e finíssimo biscoito, passando pelas inúmeras variedades de pão de mistura, em que as farinhas de trigo, milho e centeio se combinavam em proporções diversas mas adequadas a todas as bolsas e a todos os paladares.

E hoje? Hoje, é o que se vê e que numa representação da Moagem ultimamente apresentada ao sr. ministro da Economia se descreve nos seguintes termos:

«O consumidor tem razão quando reclama — e essa razão é confirmada pelos estrangeiros que passam por Portugal, na generalidade, mesmo os nacionais de países directamente atingidos pela guerra, comem em suas casas melhor pão».

Isto é assim mesmo. Em Junho

medalhas só dignificam quando simbolizam a admiração e respeito unânimes da colectividade. A medalha da cidade no peito nobre de José de Pina, único vimezanense que a possui, depois do falecimento do saudoso e prestante baírrista que foi António Lima, glorifica-o e honra a edilidade que lhe conferiu, interpretando, com sinceridade e conscienciosa exactidão, um sentimento espontâneo de toda a grei vimezanense. A medalha de José de Pina não é um favor ou uma gentileza de amigos, é a conquista de um homem digno e honrado, de um verdadeiro e grande artista, de um respeitado e amado professor, de um homem bom e puro, na acepção ampla destes termos, de um homem que à sua terra tem dedicado toda a sua vida, todo o seu valor, real e não de fancia, que por Guimarães, na imensidade da sua modéstia, tamanha como os seus altos merecimentos e excelsas qualidades, tem trabalhado, continua a trabalhar e trabalhará até ao seu último alento, sempre desinteressadamente, com a única satisfação de ser útil à terra e de ser agradável aos seus contemporâneos, que nunca maldisse nem caluniou.

A qualquer vereador, mormente se, como no caso que nos sugere estas considerações, ele for um médico distinto e de apreciável grau de cultura, ficaria talvez melhor; e os vimezanenses agradecer-lhe-iam, que, com a sua esclarecida inteligência, desse preferência a assuntos de relevância e utilidade, que tantos há nas atribuições que a lei administrativa oferece, como, por exemplo e para não sairmos muito do assunto com que abrimos este artigo, o do estabelecimento de uma central leiteira para tratamento, distribuição e venda do leite destinado ao consumo da cidade ou de um simples posto de recepção. Isso seria de uma enorme vantagem para a saúde pública e é fácil encontrar no Cód. Administrativo sugestões e poderes para estudos dessa natureza.

M.

O Pão

de 1946 estiveram em Paris, onde não era servido nos hotéis e restaurantes senão pão escuro. Pois apesar de escuro, era um pão excelente, muito bem cozido e muito saboroso! De tal modo ficamos impressionados com a excelência daquele pão que trouxemos um para mostrar cá.

Isto passava-se em Paris, mal decorrido um ano sobre a tremenda guerra que arrasara a França. Entre nós, passados sete anos sobre esse cataclismo que só indirectamente nos atingiu, o pão está pior do que no tempo da guerra, se é que isso é possível. Tão mau por vezes que pessoas de estômago fraco o não podem tragar sem risco de verem seus males agravados. Consta-nos que há médicos que o proíbem aos seus doentes. De quem a culpa?

O público, no geral, atribui-a aos industriais de padaria porque são eles que fazem o pão. A verdade, porém, é que sem boas farinhas e sem liberdade de as trabalhar como é devido, se não pode fazer bom pão. Temos diante dos olhos cópias de diversas representações feitas pelos industriais de padaria do Norte às entidades oficiais e nelas se demonstra que lhes é impossível fazer bom pão com as farinhas que recebem e com as condições de trabalho que lhes são impostas por lei. Os padeiros são vítimas deste inconcebível amontoado de erros, despropósitos e até... propósitos, que se vêm aumentando desde os fins do século passado.

A força de os industriais de padaria clamarem que se não pode fazer bom pão com más farinhas, o público começou a clamar também contra a moagem. E a moagem supondo, e muito bem, que trabalha «sob a direcção do Estado que fixa a cada fábrica a capacidade de laboração, a quantidade de trigo a moer, o número de horas de trabalho, as percentagens de extracções e venda e as misturas de outros cereais. Diz ainda que o trigo nacional lhe é fornecido exclusivamente pela Federação Nacional dos Produtos de Trigo; e que o trigo exótico é importado e lhe é fornecido pela Federação Nacional dos Industriais de Moagem. E pior ainda: «além de os trigos importados ultimamente serem de baixa qualidade, leva-se muito longe a extracção da farinha, englobando nesta uma parte do cereal que devia destinar-se a sementes; faz-se na farinha, mistura — na percentagem de 25 por cento e 15 por cento, conforme o pão é, de segunda ou de primeira — de outros cereais panificáveis produzidos em território nacional, como o milho, a cevada e o centeio, estando ainda determinado que seja acrescentado a essa mistura um complemento de 3 por cento de farinha arroz».

Não é preciso dizer mais porque é evidente que com milho, centeio, cevada e arroz não é possível a ninguém fazer boa farinha de trigo.

E as agravantes que isto não tem! Aí por 1944 ou 1945, encontramos, por acaso, no Porto, com um grande industrial de moagens que nos disse à queima-roupa: Quer saber uma coisa? Acaba de nos ser remetido de Olhão um barco carregado de milho!

— O quê? Milho de Olhão para o Minho?... — Assim mesmo. E demais a mais vem a fermentar. Vou agora para bordo levantar o auto do estado em que nos é entregue. E quer o público que lhe forneçamos farinha boa!...

Claro que com tais matérias primas, os produtos têm de ser detestáveis.

Mas dir-se-á. Tudo isto é assim, mas a lavoura está contente. Qual está! O produtor de trigo todos os anos, ou quase todos, perde dinheiro e está quase sempre empenhado até aos olhos. O produtor de centeio queixa-se que tem os celeiros cheios e ninguém lho procura. O produtor de milho diz o mesmo e não compreende porque apesar disso o importam.

Enfim, depois de mais de meio século de intervenções adequadas, chegamos a esta ridícula situação em que todos se queixam, desde o consumidor de pão ao produtor de cereais. E são tais e tantos os interesses que andam em volta deste absurdo que só com muita prudência se lhe pode tocar. E' o que acaba de fazer o sr. dr. Ulisses Cortez, com a cautelosa intervenção que acaba de anunciar, «a fim de se caminhar gradualmente e com a devida prudência para a desejável normalização». Tem toda a razão o ilustre Ministro. Toda a cautela é pouca em tão melindroso assunto que vem já torto desde há meio século.

PACHECO DE AMORIM.

Casa Vende-se, com três andares e quintal, devoluta, na Rua de Camões, n.º 29-41. Informa esta Redacção. 277

PRÓ FESTAS DA CIDADE

Estamos a curto prazo das Festas da Cidade e, por isso, pouco afastados dos dias em que as mesmas se devem realizar com aquela imponência e aquele brilho que nos anos anteriores têm constituído um verdadeiro exemplo do melhor e do mais dedicado baírrismo dos Vimezanenses, sobretudo dos que nunca faltam à chamada quando a sua presença se torna necessária. E ao falarmos em Vimezanenses, não só nos queremos referir aos que o são por nascimento, mas também aos que assim podem ser considerados pelo coração, isto é, aos que não tendo nascido nem sido baptizados em Guimarães prestam a esta terra o melhor da sua inteligência, da sua dedicação e do seu esforço. A confirmação da nossa afirmação vem de tempos muito afastados e até quanto às Festas da Cidade nós encontramos essa confirmação, visto que, desde o seu início — em 1906 — nelas se tem verificado o valioso concurso de indivíduos que não são filhos de Guimarães, pelo que consta da certidão do seu nascimento, mas que, apesar disso, não são considerados estrangeiros, uma vez que a nacionalidade é a mesma. Porém, deixemos no seu trono de marfim os que não pensam como nós e voltemos às Festas da Cidade. Conforme as notícias já transmitidas, através da imprensa, elas mais uma vez se realizarão de forma a deixarem aos forasteiros as melhores impressões e os melhores desejos de cá voltarem novamente para o ano próximo, porque se retiram absolutamente convencidos de que as Festas da Cidade de Guimarães se tornaram dignas de ser apreciadas, quer pelo impecável cumprimento de todos os números anunciados no programa, quer ainda pela invulgaridade dos mesmos, destacando-se, em plano de extraordinária sensação, a deslumbrante Marcha Gualteriana, exemplo vivo e sugestivo da fervorosa cooperação dos Empregados do Comércio, auxiliados por outros elementos, à frente dos quais se encontra a veneranda, simpática e risonha figura de José de Pina, um dos ilustres Filhos de Guimarães que muito tem contribuído para que o nome e o prestígio da sua Terra ocupem o lugar que lhes é devido por direito e por justiça. Por outro lado, da Comissão Executiva fazem parte as pessoas que já têm dado as melhores provas da sua dedicação pelo engrandecimento do nome de Guimarães, assim como, sem excepção de nenhuma, serão incapazes de ligar o seu nome e a sua responsabilidade a quaisquer actos que possam

afectar — em menor ou maior escala — a sua dignidade e a sua personalidade.

E porque tudo isto é verdade, as próximas Festas da Cidade serão uma realidade viva, sentida, expressiva e admirada. Assim acontecesse em outros sectores da Vida e do Progresso de Guimarães!

V. C. A.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora

Como deve recordar-se, tanto mais que o tempo decorrido ainda é bastante pouco, falei-lhe, numa das minhas cartas, do que pensava da posição da mulher perante a sociedade e defendo o ponto de vista sobre o facto de a mesma ser digna de regalias e de direitos que valorizassem as suas qualidades ou méritos, sem prejuízo, é claro, da sua acção como *padroeira* do lar que constituiu. Hoje, novamente vem a propósito *bisar* o mesmo disco, mas, desta vez, sob o pretexto de uma notícia que veio publicada na Imprensa e cujo teor é o seguinte:

"Direitos políticos das mulheres

NAÇÕES UNIDAS — O Conselho Económico e Social recomendou o estabelecimento de uma Convenção garantindo às mulheres os mesmos direitos políticos dos homens. Disse que as mulheres deveriam ter direitos iguais de votos, ser elegíveis para todos os organismos escolhidos publicamente e ocupar cargos públicos nas mesmas condições dos homens. — R.

Neste capítulo, minha Senhora, isto é, conceder à mulher absoluta igualdade de direitos políticos iguais aos do homem, entendo que será alargar demasiado o horizonte da sua esfera de acção e, neste caso, em prejuízo de outros direitos que, de facto, não lhe devem ser negados. A mulher, como agente político, passaria a ser, de um modo geral, absorvida por essa paixão e, portanto, poria de parte outros direitos e deveres que a tornam o Anjo do Lar, designadamente quando pesar sobre ela a responsabilidade de ser mãe.

No entanto, há países onde ela já desempenha funções de nítida natureza política, diplomática, etc., o que quer significar que a mulher possui capacidade intelectual para altos digníons da vida social.

Porém, a ideia de lhe garantir os mesmos direitos políticos dos homens não me parece feliz, a não ser para aquelas cujo temperamento se amolda a todas as emergências da vida política, exactamente como o temperamento de outras se amolda ao vício do cigarro e a outras extravagâncias semelhantes, que são, sem dúvida, mais próprias do sexo forte.

Mas voltando à política, V. Ex.^a não ignora que ela é a Arte de governar os povos e, por isso, as responsabilidades desses direitos são grandes, delicadas e espinhosas e a mulher já tem a seu cargo responsabilidades da maior importância social. De resto, «como tudo é possível nas passagens desta vida», possível poderá ser também que o mundo se *endireite* com a garantia de direitos políticos à mulher, iguais aos do homem.

E o que pensará V. Ex.^a deste assunto? Naturalmente não lhe interessam esses direitos e perante essa circunstância talvez gostasse mais que eu lhe falasse de outras particularidades de mais interesse para o seu espírito e de mais agradável sensibilidade para a sua alma, como por exemplo, a graça de Deus lhe conceder a felicidade de viver sem grandes preocupações numa modesta casinha, onde V. Ex.^a e sua família pudessem sentir o aroma e o encanto das flores. Mas, minha Senhora, o «*homenem pãe e Deus dispõe...*».

De V. Ex.^a
Cd.^a Ven.^o e Obg.^o

Julho de 1952.

X.

Aluga-se PADARIA de pão de milho, com todas as pertenças. Informa esta redacção. 260

CASA — ALUGA-SE

Na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra. Construção moderna e bom quintal. Falar na Casa Roberto Victor Germano, Suçr. 269

Propriedade Vende-se no lugar de Espariz de Cima, freguesia da Costa. Tem casa e terreno de cultura e vinho. Falar com Maria Paula, no mesmo lugar, das 8 às 12 horas. 261

Abastecimento de águas

S. TORCATO

No dia 30 de Junho, estiveram naquela freguesia, os Engenheiros da Câmara Municipal e das Obras Públicas, para procederem ao estudo do abastecimento de águas aos lugares da Igreja Velha, Assento e Cachada de Cima e de Baixo.

Trata-se de um indispensável e urgente melhoramento pois há habitantes que têm de ir a dois quilómetros de distância buscar água para os seus usos domésticos.

Escola Industrial e Comercial de Guimarães

Encontra-se aberta, neste Estabelecimento de Ensino, a exposição anual de trabalhos escolares, referentes aos alunos dos diversos cursos.

A exposição poderá ser visitada, diariamente, até ao próximo dia 10, das 10 às 12 e das 17 às 21 horas.

Quartos Alugam-se, mobilados, na rua da Rainha n.º 170 — Guimarães. 260

A COMISSÃO das Festas Gualterianas

saudou a imprensa local com a qual reuniu

A Comissão Executiva das Festas da Cidade reuniu-se, na quarta-feira última, conjuntamente com a Imprensa local e com os correspondentes dos jornais de Lisboa, Porto e Braga, apresentando-lhes cumprimentos e as mais efusivas saudações.

O Presidente da Comissão Executiva teve para os jornalistas palavras do maior apreço e significou-lhes o reconhecimento da Comissão pelo muito que têm feito e pelo mais que virão a fazer em prol das «Gualterianas» deste ano.

Aos representantes da Imprensa foi traçado o programa geral das festas, que temos dado já nas suas linhas, tendo havido durante a animada reunião uma troca de impressões.

* * *

Segundo aquilo que foi comunicado à imprensa, sabe-se que as decorações deste ano vão causar verdadeira surpresa e que tanto a Batalha de Flores como a Marcha Gualteriana vão atingir brilho incedível no presente ano, estando nisso verdadeiramente empenhados os elementos a cargo de quem se encontra a organização.

Também os representantes da imprensa tomaram conhecimento do valor do importante concurso pecuniário que sob o patrocínio do Grémio da Lavoura se efectuará no dia 2, no Campo do Salvador.

Na Corrida de Toiros do dia 4, tomam parte os artistas: Simão da Veiga e João Branco Nuncio, (cavaleiros); Diamantino Vizeu e Júlio Aparício, (espadas); Grupo de Forcados Amadores de Lisboa, comandados por Nuno de Salvação Barreto, etc..

Os toiros são do ganadeiro José de Lacerda Pinto Barreiros, do Carregado.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 3, a sr.^a D. Isabel de Sousa Guise, esposa do nosso prezado amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise; no dia 8, o nosso prezado amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães e mademoiselle Teresa de Jesus da Costa Ferreira; no dia 9, os nossos prezados amigos srs. António Urzezes dos Santos Simões e Augusto Mendes, e a sr.^a D. Luisa Alves de Abreu Ferreira, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel José Ferreira Júnior; no dia 10, a sr.^a D. Rosa de Jesus Gonçalves Guimarães e o menino Antero Rodrigues de Freitas, nosso simpático amiguinho, e Madame Jeanne Albertine Souchois Felgueiras, esposa do distinto advogado e nosso ilustre amigo sr. dr. Mariano Felgueiras; no dia 11, a sr.^a D. Maria Adélia Vilaça Ferreira, gentil filha do nosso prezado amigo sr. Manuel Artur Gonçalves Ferreira, residente no Porto; no dia 12, o nosso bom amigo sr. José Francisco da Silva; no dia 13, o nosso bom amigo e solícito correspondente em Vizela, sr. José Luís d'Almeida e a menina Carmem Fernanda Ferreira Barbosa de Oliveira, filha da sr.^a D. Carmem Fernanda Ferreira de Oliveira e

do nosso bom amigo sr. João de Freitas Barbosa de Oliveira.

«Notícias de Guimarães» apresentando-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Dr. Nuno Simões — Com sua esposa sr.^a D. Lídia Marçal Simões, tem estado na Póvoa de Varzim, de onde seguirá dentro em breve para a sua casa das Pedras Salgadas, o nosso querido amigo sr. dr. Nuno Simões, antigo Ministro e ilustre Economista.

Têm estado a uso de águas na Curia o nosso prezado amigo sr. Armindo de Freitas Lima e esposa, de Lordelo.

— Com sua esposa esteve nesta cidade e deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. Manuel Artur Gonçalves Ferreira, residente no Porto.

— Esteve nesta cidade o antigo magistrado da Comarca, sr. dr. João Mauril de Faria.

— Cumprimentamos nesta cidade o nosso prezado colaborador e amigo sr. A. L. de Carvalho.

— Partiu para o Gerez, a uso de águas, o nosso prezado amigo sr. Manuel Pereira Mendes.

— Esteve no domingo nesta cidade, com sua família, o nosso querido amigo sr. dr. António Paul, residente no Porto.

— Têm estado a veranejar, com suas famílias, na Póvoa de Varzim, os nossos amigos srs. dr. Alberto Rodrigues Milhão e José Gilberto Pereira.

— Partem hoje para Mondariz, Espanha, os nossos prezados amigos srs. Anbal Dias Pereira e suas esposa e filha; Abel Machado Faria e esposa, e António Faria Martins e sua irmã a sr. D. Maria Tezera Faria Martins Cerqueira.

— Com sua esposa partiu para o Gerez, o nosso bom amigo sr. Francisco Machado.

— Encontra-se na Póvoa de Varzim a família do nosso prezado amigo sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis.

— Tem estado nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Jacinto Guimarães.

Doentes

Jornalista Paulo Freire — Encontra-se doente, em Lisboa, e expressamente proibido pelo seu médico de exercer qualquer actividade profissional, o talentoso jornalista Paulo Freire que, por tal motivo, abandonou temporariamente a sua apreciada secção «Várias Notas», do nosso colega «Jornal de Notícias».

Desejamos que o ilustre camarada e amigo retome, em breve, a sua actividade jornalística.

No Hospital da Universidade, em Coimbra, onde está a frequentar uma das suas Faculdades, teve de ser submetida, há dias, a uma operação de urgência, a nossa estimada conterrânea sr.^a D. Maria Amélia Dulcinea da Silva Machado Teixeira, filha do nosso prezado amigo sr. José Machado Teixeira e de sua esposa.

Sabemos que a doente tem experimentado sensíveis melhoras, o que registamos com muita satisfação e desejamos o seu breve e completo restabelecimento.

— Vimos já completamente restabelecidos os nossos amigos srs. Francisco da Costa Jorge e João Sampaio.

— No Hospital da Misericórdia encontra-se doente há bastante tempo o nosso prezado amigo sr. António Dias, da Cruz d'Argola. Desejamos as suas melhoras.

Operação

No Hospital da Ordem do Carmo, no Porto, foi submetido na 5.^a-feira a uma melindrosa operação, o nosso querido amigo sr. Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira. Sabemos que o doente vai experimentando sensíveis melhoras, com o que muito nos congratulamos e fazemos votos pelo seu breve e completo restabelecimento.

Vida Católica

Comunhão solene nas paróquias de S. Paio e S. Sebastião e Procissão de S. Luís

Nas igrejas parquiais de S. Paio e S. Sebastião efectuou-se no domingo, com grande luzimento, a

comunhão solene das crianças, tendo tomado parte nesses actos muitas dezenas de crianças que se faziam acompanhar de seus pais. Na tarde do referido dia e promovida pelos párocos das mesmas freguesias, com a colaboração da paróquia de N. S.^{ra} da Oiveira, realizou-se a Procissão de S. Luís Gonzaga, que foi esplendorosa, tendo percorrido as ruas da cidade, abrilhantada por uma banda de música.

As crianças conduziam numerosos andores, de diversos Santos e também se incorporaram muitos anjinhos.

Festividade de S. Paio

Na igreja da Misericórdia foi festejado o Padroeiro da freguesia de S. Paio, com missa solene. Assistiram muitos fiéis.

N. S.^a da Misericórdia

No mesmo templo foi cantada missa na 4.^a-feira, às 9 horas, em honra da Padroeira da Misericórdia.

Falec. e Sufrágios

Missa do sufrágio
Uma pessoa amiga da extinta, manda resar no próximo dia 8, às 9 horas, em S. Francisco, uma missa por alma da saudosa sr.^a D. Maria Lopes Correia, do Pevidém, e convida a assistirem ao acto as pessoas das relações da extinta.

Câmara Municipal de Guimarães ANÚNCIO

Concurso público para a adjudicação da obra de «Pavimentação do R. E. M. n.º 13 entre o Pevidém e limite da Freguesia de S. Jorge de Selho, na extensão de 873,30 metros»

Até às 15 horas do dia 16 do próximo mês de Julho do corrente ano, esta Câmara Municipal, de harmonia com a sua deliberação em reunião de 18 do corrente, aceita propostas, em carta fechada, para a adjudicação da obra acima referida, a qual se efectuará nesse mesmo dia reservando-se porém, o direito à Câmara de proceder à sua entrega só na reunião imediata ou mesmo de não fazer a adjudicação, se assim julgar conveniente aos interesses do Município.

Base de licitação 157.619\$50
Para ser admitido ao concurso torna-se necessário a apresentação do recibo de ter efectuado o depósito provisório de Esc. 3.941\$00 o qual será feito até às 14 horas do dia da arrematação.

O Programa do Concurso e Caderno de Eucagos a cujas condições o adjudicatário fica obrigado, acham-se, patentes na Repartição de Obras deste Município, onde todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, podem ser examinados pelos interessados.

Guimarães, Paços do Concelho, aos 26 de Junho de 1952.

O Presidente da Câmara Municipal
Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

HOTEL DAS TERMAS CALDAS DAS TAIPAS

Aberto todo o ano, desde 29 de Junho, com gerência a cargo de Paulino Ferreira Leite, ex-gerente de vários Hotéis e Restaurantes do Norte.

Óptimas instalações. Tratamento modelar. Modicidade em preços.

Casa em Urzezes (Castanheiro)

Aluga-se, mobilada ou sem mobília, com 5 divisões, sótão, com quarto para criadas, água encanada e luz, horta, garagem e telefone de favor, do senhorio.

Falar com José Teixeira, em Moreira de Cónegos, ou pelo telefone 40135.

Serviço de Farmácias
Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Nobel, Rua de Santo António, Telef. 40199.

COMPRE DE REPENTE... PAGUE SUAVEMENTE

A. Gouveia vende com facilidades de pagamento: RÁDIOS, desde 85\$00 mensais. FRIGORÍFICOS, desde 3.790\$00 em 18 prestações. CILINDROS ELÉTRICOS, VENTILADORES, FOGÕES ELÉTRICOS, desde 1.200\$00. FERROS ELÉTRICOS, CANDEIROS, etc....

A. GOUVEIA
Avenida Conde de Margaride — Telef., 40436

Polvoreira — Nas Inq. de 1220 — De paróquia Sancti Petri de Polvoreira; no testamento de Pedro Lourenço, que é do ano de 1228, inclui-se uma herdade em Sancti Petri de Poluoraria (Polvoraria); nas Inq. de 1258: Polvoreira, mas, nessas mesmas Inq., ao tratar-se da freguesia de Infias, diz-se que a Igreja Sancti Petri de Porvularia labora bouças e terrenos in termino Caldis; Inq. de 1290: sam pero de polueira e nas de 1308: sam pero de poluoreyra (ou seja de Polvoreira). Se, em vez de Porvularia (como nos dois passos indicados, estivesse escrito Parvularia, era fácil e intuitivo correlacionar-se com parvulus, a, um, ou parvula: pequena. E, francamente, outra não me parece, e não creio que seja, a derivação do onomástico.

Ponte — Em 957 o Príncipe Ranamiro doa ao Cenóbio de Vimaranes, a sua tia Mumadona, e aos freires e sorores, que nele habitavam, o Cenóbio denominado «sancti iohannis baptiste que est fundato ripa riuolo aue prope ponte petrina», de S. João Baptista, que é fundado acima do rio Ave, junto o cerca da Ponte Petrina (ou ponte de pedra: deve ser a velha ponte romana, ainda felizmente conservada, a estabelecer a ligação militar e a comunicação entre Braga, Guimarães e de Guimarães com esta parte do norte da Província). A' ponte petrina refere-se outro doc. de 960. No Inv. de 1059: Monasterii sancti iohanne... juxta ponte petrina. Foi esta que deu o nome à freguesia. Mas havia, ainda, outra: um doc. de 1162 refere-se a uma ponte antiquum sobre o rio Ave: «a ponte de S. João sobre o Ave junto à fábrica de tecidos de Campelos» (nota de Oliveira Guimarães, a pág. 90, do Vimaranes). Na freguesia havia o Couto de *Gustolanis*, a que se referem as Inq. de 1220, cujos limites ou extensão e segundo se depreende das Inq. de 1290, pretenderam alargar os da freguesia: «dizem as testemunhas que é couto por divisões e que é de Santa Maria de Guimarães e dizem de ouvida que o coutou Rei dom Afonso primeiro», mas... já nele entrava novamente o Mordomo do Rei (o que significa que se tinham extinguido as isenções do couto) a pedir a lutuosa, mas não o tinham visto entrar «se nam des que ora Martim Afonso teve a terra».

Prazins — Inq. de 1220: Santa Eufemia de Fiiz; nas de 1258: Felicis; 1290: ffys; 1308: ffyz.

Inq. de 1220: Sancto Tirso de Plazii; 1258: Plazii; 1290: de prazy.
Na cartula de venda, que fez David Domingos a Dominico Domingos e Senhorina Pelágio, em 1057, da herdade que tinha na vila Trasarís (que Oliveira Guimarães, em nota ao doc. XLI do Vim., pág. 40) diz ser lugar desconhecido, sob o Monte Penido, menciona-se um casal, pertença, talvez, do comprador, sito em sancti trisi. No Inv. de 1059 encontramos a vila placidi, bem certamente a que deu nome à freguesia.

No ano de 1113 vende-se uma propriedade no lugar do Outeiro in uilla feliz; em 1142, venda de uma herdade in uilla plazii. Certo Prior do Souto vende, em 1192, um casal in prazii. E' de 1240 a venda da herdade lagea (das Lages), junto ao Monte de Crasto (e é bem evidente que o houve) in fiiz. Um doc. de 1255 cita a freguesia de Santa Eufémia sem qualquer outra denominação e num pacto de composição de 1256 entram dois casais: um in Prazins; outro in Fins. Se fiiz pode ser corruela de finis, is; limite, termo, como, talvez, em S. Pedro Fins de Gominhões, felicis e feliz

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

«A história do povo é a história das instituições municipais»
Gama Barros.

A' Ex.^{ma} Câmara Municipal

Of. **EDUARDO DE ALMEIDA.**

deve provir de felix, icis: feliz, abundante, fértil. E' mais difícil (para mim, bem se entende) conjecturar donde veio às duas freguesias a comum denominação de Prazins, depois que a de Santa Eufémia (e quando?) deixou de ser de Fiis ou Felicis. Por certa grafia antiga — Plazii, nas Inq. de 1220 e 1258 — podia arriscar-se do placet, uit, itum, ou de algum dos seus derivados, no sentido de calmo, agradável. Para essa hipótese nos inclina o Inv. de 1052. Mas o prazii? Será de prasius, ii, ou de prasinus: verde? Na de Santa Eufémia fica a quinta de Segade — de Egareli. (1)

Rendufe — do antr. Randulfus — Randufe, Rendufe. (2) No Inv. de 1059: a igreja de Santa Marta inter quintilanes et randulfi. Nas Inq. de 1220: de Sancto Romano de Renduffi — é certo que, nas mesmas Inq., ao tratar-se de Gondomar, consigna-se, que, nessa freguesia, o Monasterium de Randulfi tinha dois casais, o que é confirmado nas de 1258, em que se denomina o Randuffi; nas de 1290: Ramduffe e nas de 1308: Randuffe. Houve o Mosteiro de Rendufe. (3)

Sande — Nas Inq. de 1220 há cinco freguesias de Sande: S. Clemente, S. Lourenço, Santa Maria de Vila Nova de Sande, S. Martinho e S. Martinho de Vila Nova. Aquela de Vila Nova bem pode gabar-se de, sendo ainda hoje nova, já ser de vila nova há, pelo menos, novecentos e noventa e dois anos! (Doc. de 960, in Vim.). O nome Sandi, Sande deve ter origem germânica e aparece em vários compostos derivados, tanto antropónimos como toponímicos. Em doc. de 994 fala-se na Igreja fundada subtus mons autino (o monte Outinho), junto ao Ave, e denominada Ec. Sancti martini episcopi, a qual fora do Conde don Geton e de sua mulher Ledegundia. Concedida, depois, ao Abade Gondemido, sob cláusula de ficar, por sua morte, a sua filha Gondegeba (ou Gudegeba) e a seu marido Gudesteo (ou Godesteo), a quem a comprou o Abade Aloito, e dela lhe fez petição a Condessa dona Gonzina (ou Gunzina), para a ceder, como fez, a Valasco Scemeniz, devendo ficar, por sua morte, ao Mosteiro, ao sacerdote, ao frade ou soror «cui cura sit de anime nostre». Como se vê, há clara referência ao Mosteiro. Em 1022 congregaram-se, em Guimarães, a Condessa dona Tuta, Pelágio Guntemiriz, o Abade Honorico e outros do Mosteiro com dom Valasco (por certo o mencionado no doc. anterior), e deste conseguiram e com ele concertaram que desse a ecl. supra nominata sancto martino a Valasco pelaiz, tendo-se em vista, no presente e futuro, a conservação do Mosteiro. Entre o Arcebispo de Braga, D. Maurício, e o Abade dom Roderico houve altercação (naturalmente sobre os direitos eclesiásticos da Sé de Braga), a qual pôs termo o pacto de concórdia, lavrado em 1110, e referente ao Mos-

teiro de Sande. (4) Em carta de testamento de 1051, Pelágio Onorico deixou ao Arcebispo de Braga D. João a sua parte no mosteiro «de villa noua de ripa ave», e Fáfia Godiniz, logo depois em 1162, deixou também a sua parte e direito à Igreja de Braga «in monasterio sancte marie de villa noua» (5). S: Martinho de Vila Nova de Sande incorporou-se, mais tarde, na freguesia de Vila Nova de Sande.

S. Torcato — No Inv. de 1059: «Monasterio sancti torquati per se etiam et cum suas villas id est villa rex (do Rei, a quinta de Real), villa villar (Villar de Antão), villa citofacta (Cedofeita, em Gominhões), cum ecl. sancto felici.

Velhos doc. se referem também à quinta do Gilde: osgildi — testamento de Gonta, em 1008, Kartula de Osgildi de 1058 — ou urgildi — em 1173, como a sancto torquato outros, anteriores àquele inventário). No Vimaranes vem a Carta de Couto, em cuja assinatura figuram os nomes de Pedro Amarelo (6) — Prior de Guimarães —, e dom Menendo — Prior da Costa, conferida, em 1173, por D. Afonso Henriques (sic) a S. Torcato (com as suas vilas — Regis, Reboareda, Sagadi, Mosegi, etc.). O doc. existia (Oliveira Guimarães, nota (3), pág. 95 do Vim.) no Arquivo da Colegiada, mas não se confrontou com o existente na Torre do Tombo, por não ser encontrado. A leitura desse doc. traz-me sérias dúvidas, não sobre a sua autenticidade, ou seja a existência da concessão do couto naquela data por D. Afonso a S. Torcato, mas sobre a fidelidade da cópia, que, essa, me parece muito desvirtuada. Liberto do poder temporal pelo privilégio do couto, o Mosteiro julgou-se, ou inclinou-se a tentar isentar-se de obediência no eclesiástico. Ao menos é o que se depreende da Epístola do Papa Inocêncio III (a quem o Arcebispo de Braga se queixara), em que acusando o Prior e Capítulo de contumaciter recusantes, lhes ordena obediência (1201). O termo de concórdia lavrou-se em 1214 (estas coisas levam seu tempo...). O Arcebispo confirma o Estatuto do vestiário e das pitaças do Mosteiro em 1225. D. Afonso II deixou aos Mosteiros da Costa e de S. Torcato morabatinos a cada, «pro meo anniversario».

D. Sancho II, em 1229, confirmou e aumentou as imunidades do Couto, a que se referem outros documentos: 1262, 1294, 1310, 1314, 1336, 1357.

E' de 1276 a Bula do Papa Inocêncio V a confirmar a instituição do Mosteiro agostinho de S. Torcato.

Continua.
(1) Gram. Hist., pág. 171.
(2) As Villas do Norte de Portugal, cap. V; Gram. Hist., pág. 164, 169, 181.
(3) E' curiosa a história dos dois casais que, como já vimos, o Mosteiro tinha em Gondomar: António Caetano do Amaral — Memórias —, pág. 137.
(4) António Caetano do Amaral — Memórias —, pág. 80.
(5) E' outro, ao menos assim o parece, que não o conhecido como Mosteiro de Sande — S. Martinho. Já encontramos, além deste, outras menções, em doc. ou na tradição, de mosteiros, como o de Gondar, S. João de Ponte, etc., que não tem sido, como tais, mencionados. E outros iremos encontrar: por isso pensamos em voltar ao exame do caso.
(6) Enquanto Guimarães foi corte dos Reis, escreve António Caetano do Amaral (obra cit., pág. 192) serviram de Capelães Mores os Priores da Colegiada: «havendo memória de que o Conde D. Henrique apresentou seu primeiro Prior o seu Físico mor — D. Pedro Amarelo».

Em maré de lembrar

Como não nos parecem desafortunados nem fora de oportunidade os desejos de várias pessoas no sentido de, pelo menos aos domingos e durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, se fazer ouvir, no coreto do Jardim público, uma banda de música, cá estamos a lembrar esse assunto, uma vez que já em anos anteriores assim tem acontecido. Se, porém, nos responderem que a música no Jardim não é coisa de primeira necessidade, nós replicaremos em sentido contrário, porque reconhecemos que, de facto, se torna necessário qualquer pasatempo extensivo a todas as pessoas que não vivem em condições de procurarem retemperar o seu espírito em passeios, em praias, etc., etc., em qualquer período da época calmosa.

De resto, todos deverão ter o direito de quebrar a monotonia da sua vida de constante labor e até de quase constantes contrariedades.

São estes, exactamente, os que mais precisam de alguma distração e como não podem ter outra, que, ao menos, tenham aquela de que estamos a falar, tanto mais que assim acontece em outras terras. Porque assim o entendemos, tomamos a liberdade de chamar a atenção da Ex.^{ma} Câmara para tal assunto, que, por certo, não deixará de o ponderar.

CARACOL.

MÚSICA

No dia 27 de Junho, e no salão de festas do Teatro Jordão, realizou-se a 4.^a Audição das Discipulas do distinto professor Eurico Tomaz de Lima, que tiveram a escuta-las e a aplaudi-las uma assistência numerosa e muito selecta.

Em obras de vários e consagrados autores nacionais e estrangeiros, exhibiram-se, demonstrando excepcionais qualidades artísticas as meninas Maria Luísa Cardoso Rodrigues, Maria Estrela de Melo e Sousa, Zeferina Antónia Gonçalves Fernandes, Maria da Assunção Almeida Freitas, Maria Matilde Teibão Dias de Andrade, Maria da Conceição Leite de Freitas Fernandes, Maria Amélia Leite de Freitas Fernandes, Maria José de Almeida Freitas e Maria de Jesus Rodrigues Laranjeiro.

Foi uma festa deveras encantadora que a todos impressionou muito agradavelmente.

A distinta professora de piano sr.^a D. Laura Estrela Leão Falcão Pinto Lima, apresenta amanhã, às 21,45 horas, no salão de festas do Teatro Jordão, as suas discipulas, num exercício em que tomam parte *mesdemoiselles* Esmeraldina Barreira, Maria Alberta Laranjeiro dos Reis, M. Emília M. Mesquita, Maria Isabel Matos Ribeiro da Silva, Maria Margarida Mesquita e Alda Pinto Rodrigues.

Notícias de Guimarães n.º 1068--6-7-1952

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.^a publicação

No dia 11 de Julho próximo, pelas 17 horas, na Rua de Camões, n.º 28—1.º andar, desta cidade, por virtude da falência de Ferra & Irmãos, Lid.^a, vão pela 2.^a vez à praça, a fim de serem arrematados por metade do seu valor, diferentes bens mobiliários, utensílios e objectos de ourivesaria, que se encontram na casa onde teve a sua sede a firma falida, na referida Rua de Camões, n.º 28—1.º andar.

Guimarães, 27 de Junho de 1952.

O Administrador da falência,
Artur Fernandes de Freitas.

Verifiquei.

O Sindico de Falências,
Joaquim Ordonhas.

Um melhoramento em INFÍAS

E' com o maior agrado que informamos os leitores da breve inauguração de uma postura de guarda ferroviária, na importante passagem de nível, no lugar de Atim, freguesia de Infias, aspiração de há muito ansiosamente manifestada pelos povos desta importante freguesia e limitrofes.

Em verdade, tal melhoramento de há bastante tempo que devia estar realizado; pois, essa passagem de nível é atravessada por um ramal da estrada Guimarães-Vizela, e é de tráfego importante, quer de automóveis, bicicletas, carros de bois, quer de peões, etc..

A falta de uma guarda, nessa passagem de nível, do Caminho de Ferro de Guimarães, tem dado funestos resultados; pois muitos têm sido os desastres ali ocorridos, bastando citar-se, para já, oito sinistros, só no mês de Janeiro último, além de outros até hoje, podendo-se evitar alguns, devido à atenção de certos transeuntes mais cautelosos.

Basta dizer-se que a passagem geral de peões, por esse local, é de cerca de 500 por dia, não falando em carros ligeiros e outros veículos, e assim já se poderá formar uma ideia da necessidade urgente de tão ansiado melhoramento.

Ora, os povos de Infias e de circunvizinhas freguesias estão sinceramente gratos aos srs. Directores da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte, pela postura de uma guarda à referida passagem de nível, mas ainda esperam, um dia breve, que tão importante melhoramento seja ampliado e concluído com um apeadeiro, satisfazendo, assim, as necessidades de Infias e terras circunjacentes, prontificando-se para isso muitos proprietários a cederem terrenos, madeiras, pedras e o mais que preciso for.

Está, portanto, de parabéns Infias e freguesias vizinhas, sentindo-se imensamente gratas aos Directores da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte.

Para o seu Bébé

Tem V. Ex.^a na Casa Jaime um grande sortido de carrinhos, cadeirinhas e triciclos desde esc. 7500. Para V. Ex.^a tem também finissimo sortido dos melhores perfumes, batons, cremes, vernizes, rouges e brilhantinas. Modernas meias e luvas. Objectos para brinde. Na Casa Jaime ao Tournal.

A. NEVES & CORRÊA, LIMITADA
com sede nesta cidade
GUIMARÃES

Faz-se público que por escritura de 18 de Junho de 1952, lavrada pelo notário da Secretaria Notarial de Guimarães, Bacharel Francisco Moreira Sampaio, no seu livro de notas n.º 160 a fls. 30, foi alterado o art.º 6.º do pacto social da firma acima referida o que passa a ter a seguinte redacção.

Artigo sexto

A gerência, dispensada de caução, compete obrigatoriamente a todos os sócios, sendo, porém, bastante a assinatura de dois sócios para obrigar a sociedade, e não podendo a firma ser usada em actos estranhos aos negócios da sociedade.

Guimarães, 27 de Junho de 1952.

O ajudante da Secretaria Notarial,
Martinho da Silva.

Tacos em Madeira para Parquetes (soalhos)

Fabricados com a maior perfeição.

Vende a preços baratos, Joaquim Neves. Avenida Conde de Margarride — Guimarães. 278

No Pevidém--Guimarães

Casa, vende-se, recentemente construída, com 8 divisões no 1.º andar e grandes lojas, bom quintal, tanque e abundância de água, — quarto de banho e telefone.

Para rendimento, grande estabelecimento, pensão ou habitação. Pode interessando facilitar-se parte do seu custo (Cooperativa).

Para ver, no lugar do Crasto, Pevidém. Tratar iargo da Oliveira, 55 — Guimarães. Telef. 40518.

Uma trindade literária

IV

Nem todos têm jeito para ensinar. Há-os até que, sendo poços de ciência, são de todo inábeis para a repartir em pequeninos aos outros.

Houve em tempos um professor de grego e de matemática, que pelos seus méritos singulares ascendeu a uma cátedra em Escola Superior. Conta Mello Breyner que era melhor assistir a uma aula desse grande Mestre, do que assistir a um espectáculo teatral. Na aula de astronomia ou das altas matemáticas os alunos não iam à lousa; o mestre é que pegava no giz e com espantosa velocidade e facilidade tracejava o problema a resolver, a figura geométrica a decifrar e esclarecer... Depois falava, falava muito, acompanhando a palavra de gestos abundantes e por vezes aparentemente ridículos e espalhafatosos sempre: e os bons dos rapazes, até os mais obtusos de mente, deliciavam-se com aquela mimica, e aprendiam quase sem querer. Dizia um deles, mais tarde ministro da Monarquia, que na aula do dr. Patrocínio da Costa, quem estivesse atento, não precisava de livro, nem de estudar em casa.

Era da Póvoa de Lanhoso este grande Mestre, que com Augusto José da Cunha e Mariano de Carvalho constituía a chamada *Trindade Matemática*.

Não haverá pela Póvoa mais nenhum que saiba ser professor? Que o digam as paredes de um certo Instituto de ensino da nossa querida Guimarães. Recordo que, passando por ali, o meu melhor prazer era escutar às furtadelas a maneira deveras singular e impressionante como certo cavalheiro, que na sua modestia nem sequer gostava de que lhe chamassem professor, ensinava e explicava a língua francesa. Quando admirava o método leve e suavíssimo com que esse Mestre encaixava nos cérebros juvenis as regras da gramática e os segredos das versões, e o cotejava com o do meu mestre, o temível gigante que era Z. X. H. Miiffier, só deplorava a minha pouca sorte...

Será o Padre Arlindo Ribeiro da Cunha um professor das qualidades e da sabença pedagógica de G.? Por completo o ignoro. Também, diga-se a verdade, não inquiri, não interroguei a nenhum dos que têm passado pelas suas aulas. Também não bati para tal feito à porta dos colegas dele, que são muitos.

Mas por um só pormenor averiguo e me creio autorizado a dizer e proclamar que nisso, como em tudo, o illustre filho de S. Torcato não se dá por satisfeito com meas medidas: como é perfeito e modelar na sua vida de sacerdote, também há-de sê-lo na escola. Esse pormenor é muito simples. Estando eu um dia no Seminário de Santiago, em Braga, onde o eminente sa-

cerdote é professor de várias complicadas matérias, vi que ele se encaminhava para a aula com um volume de Camilo, da colecção António Maria Pereira. Só por isto eu argui e concluí que ele não faz como os outros professores, e tem métodos todos seus de ensinar: e o que faz na aula de português, há-de por força fazê-lo na de inglês, na de química, na de ciências naturais, etc.

Pena é que muitos não correspondam aos esforços e desvelos de tão consciencioso e consumado professor. A maldita raça dos cábulas medra a olhos vistos até nas casas destinadas à formação dos noveis sacerdotes...

S. A.

DESPEDIDA

Francisco Teixeira de Araújo Pereira, de V. N. de Sande, Taipas, retirando para o Rio de Janeiro onde vai dedicar-se à vida comercial, vem por este meio despedir-se de todos os seus amigos e ex-colegas, dada a impossibilidade de o fazer pessoalmente, e a todos deseja as maiores prosperidades.

Sande, 5 de Julho de 1952.

Francisco Teixeira de Araújo Pereira.

No Tournal

Na Casa Jaime encontra V. Ex.^a um grande sortido de óculos para sol e ótica médica das melhores marcas estrangeiras. Execução de receptuários médicos. Consertam-se os olhos. Na Casa Jaime ao Tournal.

Notícias de Guimarães n.º 1068--6-7-1952

COMARCA DO PORTO
3.º Juízo Cível

ANÚNCIO

2.^a publicação

Pela 3.^a secção de processos do 3.º Juízo Cível desta comarca, correm éditos de vinte dias, citando quaisquer credores incertos de Joaquim Hermenegildo da Cunha e Costa e mulher Rita Acácia da Nova Martins da Cunha e Costa, proprietários, moradores na Rua do Campo Alegre, n.º 635, desta cidade, para no prazo de dez dias, findo aquele, deduzirem os seus direitos, querendo, no processo de execução sumária que lhes move Joaquim da Rocha, casado, comerciante, morador no lugar de Rego Pinheiro, freguesia de Avintes, concelho de Vila Nova de Gaia.

Porto, 21 de Junho de 1952.

O Juiz de Direito, 274

a) Adriano d'Albuquerque Barata de Sousa Teles.

O chefe da secção de processos,

a) José Maria Soares Veloso.

Cartas à Redacção

Guimarães, 28 de Junho de 1952.

... Sr. Director do Jornal «Notícias de Guimarães»

GUIMARÃES

Pela segunda vez escrevo a V. ... esta, para rogar-lhe o favor de publicar em lugar bem visível do seu querido jornal, afim de conseguir com que vejam e ouçam a carta que tomo a liberdade de dirigir-lhe.

Pedi há dias a pessoa amiga o favor de publicar no jornal o escrito de alguém que reside na rua da Arcela, artéria desta cidade (?), chamando a atenção de quem de direito para o estado vergonhoso em que se encontra a referida rua, quanto a hygiene e limpeza. Pelo visto, ninguém ouviu o referido apelo!

Dizia-se que o estado da rua da Arcela é indecente. E é-o de verdade, quem quiser pode constatar-lo com os próprios olhos, verificando:

1.º — a falta de vassouras que limpem convenientemente a rua.
2.º — a falta de arrumação de todas as pedras, terra e pedregulhos de diversos tamanhos e feitios que há meses se encontram nas bermas da mesma rua e por lá os deixaram quando se procedeu à canalização das águas, o que torna, quando chove, aquela artéria num verdadeiro lamaçal.

Sobre este 2.º ponto, dirão... Temos tempo, agora não chove, faz sol e calor. Mas, então, por favor, atendamos ao 3.º ponto.

A meio da mesma rua existem umas cinco ou seis casas, estilo bairro, situadas num plano superior à rua, talvez uns 4 metros, que não tendo qualquer canalização para escorros, fazem os despejos de todas as águas e o mais, por um buraco que tudo deixa cair na rua, onde se forma, constantemente, um lagozinho cheiroso e perijumante. Já em tempos, nesse sítio existiu um cano, pelo menos tem sinais disso, mas quebrou-se e ninguém mais disso quis saber.

Hoje com o tal sol e calor, exala desse lugar um cheiro pouco agradável que não recomenda ninguém a passar por ali. Acresce ainda, em desfavor desta porcaria, o grande número de crianças que por ali residem e que às vezes, alheias ao perigo que as espregia, vegetam nessa imundice.

Com franqueza, é muita coisa para uma rua só.

A quem de direito se pede, a bem

Direcção Geral da Previdência e Habitações Económicas

CONCURSO

CASAS ECONÓMICAS

Para os devidos efeitos se publica que está aberto concurso para as moradias vagas do Bairro de Casas Económicas de Guimarães.

As condições de admissão encontram-se afixadas na Delegação do I. N. T. P. em Braga, na Câmara Municipal, na sede da Comissão Concelhia da União Nacional, ambas em Guimarães, na Junta de Freguesia de Urgezes e no Posto Fiscal.

2.ª Repartição da Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas, 2 de Julho de 1952.

O Chefe da Repartição. 281

da hygiene e limpeza da nossa terra, mas em especial pela saúde daquelas pobres criancinhas, para que ordene e mande rapidamente proceder aos necessários trabalhos de limpeza, a fim de evitar mais protestos, cheios de razão.

Como o movimento industrial e comercial daquela zona — Campo de S. Mamede, Rua de S. Torcato, Rua da Arcela, Monte de Trás, etc., se vem firmando cada vez maior, lembrou alguém e com muito acerto e razão, que deviam pôr, possivelmente no Campo de S. Mamede, uma caixa do correio, onde se depositasse a correspondência, sem ser preciso fazer a deslocação à cidade, que tantos transtornos ocasiona por vezes. De facto, existindo em vários pontos da cidade marcos e caixas do correio, com mais justiça se pede uma caixa no Campo de S. Mamede. A Estação dos Correios fica feito o pedido, se entender que é justo.

Agradecendo a V. ... Sr. Director a atenção que dispensou a esta «carta à redacção», me subscrevo atenciosamente,

J. Machado.

Vai para a Praia ou para o Campo?

Se vai, não deixe de visitar os Armazéns ALPIMENTA, da Rua de Gil Vicente, em Guimarães, onde encontrará em Exposição os utensílios que mais lhe interessam, por indispensáveis, à sua comodidade.

Últimas criações de 1952 em Exposição!

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57